



O casamento de Jesus: enredo do Antigo Testamento na construção da narrativa de João 4

The marriage of Jesus. Plot of the Old Testament in the construction of the narrative in John 4

Anderson de Oliveira Lima *

Resumo

Neste artigo, nossa tarefa será estudar a estratégia literária usada na composição da narrativa do encontro de Jesus com a mulher samaritana, famosa passagem do quarto capítulo do evangelho de João. Defenderemos a hipótese de que o autor fez, para a construção desta narrativa sobre Jesus, uso de um enredo arquetipo, uma cena-padrão do Antigo Testamento que era usada todas as vezes que se pretendia contar uma história de casamento. Veremos os elementos que constituem tal enredo padrão e alguns exemplos textuais, para então analisar o evangelho de João demonstrando em detalhes como o evangelista manipulou este gênero literário popular para atingir seus próprios objetivos. Metodologicamente falando, é a análise narrativa ou narratologia que conduzirá nossas reflexões e análises exegéticas, mantendo o foco desta investigação sempre na figura do “leitor implícito” da narrativa bíblica, que é quem deveria surpreender-se ao notar que o texto conduzia Jesus ao próprio casamento, até uma reviravolta criativa do autor no final.

Palavras-chave: Exegese; Narratologia; Bíblia; Cristianismo Primitivo; Evangelho de João.

Abstract

In this article, our task will be study the literary strategy used in composition of the narrative of meeting among Jesus and the Samaritan woman, famous episode of fourth chapter of John's Gospel. We defend the hypothesis made by the author for the construction of the narrative about Jesus (use of a master-plot, a standard scene of the Old Testament that was used when someone wished to tell a marriage store). We'll see the compositional elements of this standard plot and some textual examples, and then, we will analyze the Gospel of John and showing in detail how the evangelist manipulated such popular literary genre to achieve his own purposes. Methodologically speaking, the narrative analysis (or narratology) will drive our reflections and exegetical analysis, keeping the focus of this research always in the point of view of the “implicit reader” of biblical narrative, who is supposed to feel in noticing that the text is driving Jesus to his own marriage, until the creative author's turnaround, at the end of the plot.

Key words: Exegesis; Narratology; Bible; Primitive Christianity; John's Gospel.

Artigo recebido em 05 de Outubro de 2010 e aprovado para publicação em 10 de Dezembro de 2010.

* Doutorando e mestre em ciências da Religião pela Univ. Metodista de São Paulo, especialista em Bíblia também pela UESP, e bacharel em música erudita pela univ. Cruzeiro do Sul. País de origem: Brasil. e-mail: aol10@ibest.com.br

1 Introdução: a escolha pela análise narrativa

O estudo criterioso dos textos bíblicos envolve, como em qualquer ciência, a discussão sempre renovável a respeito dos “métodos”. Queremos dizer que os resultados de uma análise científica dos textos bíblicos dependem, em grande medida, dos métodos empregados e da habilidade ou empenho do estudioso nessa tarefa e, por isso, começamos nosso trabalho falando brevemente sobre os métodos mais conhecidos para tal ciência literária.

Recentemente foi publicado no Brasil um livro de Daniel Marguerat e Yvan Bourquin intitulado *Para ler as narrativas bíblicas: iniciação à análise narrativa*. O título já anuncia que as narrativas bíblicas serão lidas na obra por meio da análise narrativa, ou *narratologia*, todavia os autores preocuparam-se em expor nas primeiras páginas algumas definições a respeito de tal método. Para isso, eles trataram brevemente dos outros métodos de interpretação bíblica a fim de que o leitor compreendesse as diferenças existentes entre eles. Vejamos nas palavras de Marguerat e Bourquin como os métodos histórico-crítico,¹ semiótico e narratológico se distinguem pela maneira como abordam o texto:

A leitura histórico-crítica se orienta pelo polo do *autor*, procurando saber quais tradições ele recolheu e como as transmitiu e interpretou. A leitura semiótica se dirige ao *texto* e ausculta seus códigos de comunicação; é a mensagem que lhe interessa. A análise narrativa se orienta, prioritariamente, não pelo autor, nem pela mensagem, mas pelo *leitor*; considera o efeito da narrativa no leitor, leitora, e a maneira como o texto os faz cooperar no deciframento do sentido.²

Neste artigo, nosso objeto de estudo, que é a narrativa do encontro de Jesus com uma mulher samaritana no evangelho de João capítulo 4, será tratado a partir dessa ótica narratológica, pois estudaremos a estratégia literária adotada pelo texto e os efeitos que essa estratégia supostamente pretendia gerar em seus leitores. Mais que interpretar o texto bíblico em todos os seus detalhes, nosso objetivo é levar o leitor de hoje, que geralmente ignora as exigências feitas pelo próprio texto para sua leitura, a compreender o caminho proposto pela narrativa e experimentar as mesmas surpresas que o *leitor ideal*³ do

¹ A respeito dos limites do método histórico-crítico (o mais tradicional dos três métodos citados) para a exegese atual, publicamos recentemente um artigo. Veja: LIMA, 2010.

² Cf. MARGUERAT; BOURQUIN, 2009.

³ Por *leitor ideal* nos referimos ao tipo de leitor que o autor tem em mente enquanto escreve sua obra, leitor que é capaz de decifrar seus códigos de linguagem e alcançar o sentido pretendido. A narratologia chama esse

evangelho de João poderia experimentar nos dias de sua composição. Trata-se, em primeiro lugar, de uma análise literária, da busca pelos caminhos do texto, mas também de um processo didático que quer oferecer ao leitor de hoje recursos para que compreenda a narrativa bíblica de maneira mais adequada.

2 Os “pactos de leitura” e a “cena-padrão de compromisso matrimonial”

Um tema bastante controvertido que entra no debate atual sobre a metodologia para a exegese bíblica é o limite da interpretação. Hoje se reconhece a grande liberdade de que um leitor dispõe para interpretar um texto, liberdade tamanha que há até uma disciplina dedicada à pesquisa das inúmeras interpretações que um mesmo texto ganhou ao longo da história, a chamada *história da recepção*.⁴ Porém, outros autores estudam o fenômeno da leitura procurando por critérios que limitem a criatividade do leitor, como é o caso de Umberto Eco que, em *Interpretação e superinterpretação*, propõe que se busque a *intenção do texto*, que nada mais é do que o estudo das estratégias literárias para que se reconheçam os limites impostos pelo próprio texto ao seu leitor. Os já citados Marguerat e Bourquin abordam também essa questão, afirmando que “*sem dizê-lo expressamente, o texto propõe a seu leitor um certo número de convenções, que estabelecem com ele uma espécie de contrato de leitura. É o famoso pacto de leitura*”.⁵

Introduzimos o leitor neste debate metodológico porque agora vamos tratar exatamente das convenções literárias identificáveis em João 4. Quer dizer que em nossa opinião há, na construção dessa narrativa, o emprego de uma estratégia literária que pretende guiar o ato de leitura, conduzindo o leitor ao longo de uma história que se revela surpreendente. Nosso papel é tornar o leitor contemporâneo consciente dessa estratégia original, fazendo-o capaz de ler o texto de acordo com as expectativas do autor.

A estratégia de que estamos falando foi estudada em detalhes por Robert Alter, que a chamou de “cena-padrão de compromisso matrimonial”.⁶ A “cena-padrão” é um tipo de

leitor ideal de *leitor implícito*, alguém que na verdade é idealizado pelo autor, mas que pode não corresponder ao *leitor real* daquele texto em nenhum momento. Veja: ABBOTT, 2008, p. 84-86; MARGUERAT; BOURQUIN, 2009, p. 83.

⁴ O estágio atual da *história da recepção* na Grã-Bretanha é o tema do artigo de Alexander L. Milton, e serve como uma aproximação à disciplina para o leitor brasileiro. Veja: MILTON, 2005.

⁵ Cf. MARGUERAT; BOURQUIN, 2009, p. 18.

⁶ Cf. ALTER, 2007, p. 79-101.

convenção literária ou enredo-mestre (*masterplot*),⁷ um modelo ou arquétipo narrativo que se torna tradicional e reaparece eventualmente moldando novas narrativas. A “cena-padrão de compromisso matrimonial” é um desses enredos-mestre que delinea algumas narrativas de casamento do Antigo Testamento; veremos que tal padrão reaparece várias vezes na Bíblia quando se quer contar a história de compromissos matrimoniais que marcaram a vida de personagens de destaque, e teremos que começar enumerando as características dessa cena-padrão, que devem ter sido bem conhecidas entre os hebreus na Antiguidade. Em seguida observaremos alguns exemplos de como autores bíblicos enquadraram habilidosamente suas histórias nesse modelo.

Os elementos que constituem a “cena-padrão de compromisso matrimonial” são os seguintes:⁸

- a) Um homem (o noivo) viaja por território estrangeiro;
- b) O viajante pára sempre junto a um poço;
- c) Ele se encontra com uma mulher da região junto ao poço;
- d) Algum deles tira água do poço; normalmente esse ato está atrelado a um favor que algum deles faz ao outro;
- e) Eles conversam no local e nessa conversa identificam-se;
- f) A mulher corre para casa e conta à família sobre seu encontro com o viajante;
- g) O viajante é recebido e começam as negociações para o casamento deles.

Quando, no Antigo Testamento, se queria narrar os eventos que envolvem casamentos, geralmente se adotava esse enredo-padrão, e a descrição dos acontecimentos e das ações dos personagens correspondiam mais às exigências desse enredo do que à veracidade dos fatos relatados. Nas narrativas desse gênero, esses sete elementos que enumeramos costumam se apresentar na sequência, mas obviamente podem sofrer algumas alterações voluntárias num caso ou noutro. Na verdade, cada história de casamento em que esse padrão é adotado traz suas próprias peculiaridades, afinal, o autor não quer apenas repetir uma história já conhecida, mas criar outra que mescle elementos de conhecimento comum entre ele e seus leitores com novidades, que sempre são reconhecidas como propositais e podem surpreender os leitores. A criatividade do autor que, ao adotar uma

⁷ Cf. ABBOTT, 2008, p. 46-49, 185-189.

⁸ A nossa enumeração e distinção dos componentes desse tipo de cena-padrão não correspondem exatamente aos apresentados na obra de Robert Alter.

cena-padrão corriqueira consegue torná-la surpreendente, é o que tornará a história uma criação admirável. Assim, notaremos nos exemplos abaixo que, em determinados casos, a ordem dos acontecimentos é alterada, noutros um dos elementos é omitido ou mais detalhado, e, em cada uma dessas “escapadas”, devemos esforçar-nos para compreender as razões que as motivaram.

O primeiro caso da “cena-padrão de compromisso matrimonial” da Bíblia está em Gênesis 24.10-61, onde lemos sobre o encontro de Isaac e Rebeca. Nesse primeiro exemplo, uma peculiaridade já pode ser encontrada: não é Isaac quem vai à cidade da noiva, mas é o servo de Abraão, seu pai, que o representa. Todavia, ele é estrangeiro e encontra Rebeca junto a um poço (esses são os elementos 1, 2 e 3 que constituem a cena-padrão). Rebeca, como era de se esperar, tira água para ele e seus camelos (4), e depois eles conversam e o homem diz que é servo de Abraão, tio de Rebeca (5). A moça então corre até sua casa e conta tudo à família (6). Logo eles começam a negociar o casamento e Rebeca é levada até Isaac, consumando-se a união matrimonial (7). O padrão é seguido quase que estritamente nesse exemplo, a única diferença foi encontrada na substituição do noivo por um servo dele logo no primeiro elemento constitutivo da cena-padrão (1), mas essa não parece ser uma alteração involuntária, pois a passividade de Isaac é uma das características que marcam esse personagem, que se mostrará um homem facilmente manipulado pela esposa e filhos ao longo de Gênesis.

Algumas páginas depois, o leitor de Gênesis se verá novamente diante do mesmo enredo-padrão. Em Gn 29.1-20, o mesmo roteiro se apresenta quando o personagem Jacó, que havia fugido de seu irmão Esaú que o queria matar (Gn 27.42-43), encontra Raquel junto a um poço em Harã (eis os elementos 1, 2 e 3 novamente). Nesse caso, é Jacó quem favorece a mulher removendo a pedra que fechava a entrada do poço e tirando a água (4). Na conversa entre os dois, Jacó se revela como primo de Raquel (5), e ela corre até seu pai para contar tudo o que acontecera (6). Novamente o viajante é acolhido e, após negociar com o pai da moça, adquire o direito de casar-se com ela (7). As semelhanças entre essas narrativas não são, enfim, coincidências; temos o emprego de um padrão literário, de um enredo que auxilia o leitor no caminho da leitura.

Um terceiro exemplo é o casamento de Moisés em Êxodo 2.15-21. Moisés fugira do Egito após matar um homem e chega junto a um poço em Midiã (1 e 2). Ele encontra ali

sua futura esposa e a auxilia, livrando-a de homens que a importunavam; em seguida serve água ao rebanho dela (3 e 4). Aqui há uma diferença em relação ao padrão: não há o registro de qualquer diálogo entre os dois personagens, o que nos deixa curiosos (5). Mas a cena segue o curso previsto quando a moça volta para casa e conta tudo o que aconteceu ao seu pai (6), que vai ao encontro de Moisés e o recebe antes de lhe dar a filha por esposa (7). Embora o padrão empregado seja o mesmo dos exemplos anteriores, neste caso a narrativa omite um dos elementos tradicionais da cena-padrão, que é o diálogo entre o viajante e a moça. Supomos que os leitores ideais desse texto notaram prontamente essa ausência e se perguntaram pelos seus motivos. Tal omissão do diálogo não é uma falha na narrativa, um esquecimento do autor; notamos que, em comparação com os exemplos anteriores, a versão da cena-padrão em Êxodo é bem mais econômica (apenas 7 versículos contra mais de 50 na história de Isaac e 20 na de Jacó). Aqui a narrativa economiza detalhes, mas cumpre as exigências mínimas para que o leitor reconheça o uso de um modelo tradicional. A opção do livro de Êxodo pela brevidade talvez já explique a omissão do diálogo, mas também sabemos que neste mesmo livro Moisés é retratado como um homem “pesado de boca” (Êx 4.10); a omissão do diálogo talvez seja, portanto, intencional, coerente com a característica do personagem que é retratado como um homem de poucas palavras. Além do mais, nesse episódio Moisés não conhece a moça nem possui qualquer parentesco com sua família; ele viajava sem procurar por ninguém. Ou seja, não há neste caso a mesma opção pelo diálogo que havia nas narrativas anteriores, em que personagens são parentes distantes que se relacionam sem saber do vínculo que há entre eles. Nos primeiros exemplos, o parentesco ignorado faz do diálogo de reconhecimento entre os personagens mais que um atrativo, mas uma real necessidade, pois os leitores, sabendo antes quem eram os personagens, aguardam ansiosos o momento da descoberta.

O mesmo arquétipo pode ser encontrado em Rute 2.1-4.13. Ali o viajante é Rute (1) uma mulher; o lugar do encontro e a provisão da água do poço são substituídas por um campo de espigas (2); Boaz, o noivo, a encontra ali mesmo, onde conversam e ele a favorece (3, 4 e 5). Rute volta para casa e relata seu encontro a Noemi (6), que começa a prepará-la para o casamento. Também Boaz vai à porta da cidade negociar o matrimônio, que no fim, se concretiza (7). Enfim, nota-se que o autor ou autora desse livro modifica algumas características da cena-padrão de maneira bem pensada, para adaptá-la à sua protagonista feminina. Ainda assim, os elementos da convenção literária são facilmente

reconhecidos e estão bem desenvolvidos, perfazendo todo o livro de Rute como um fio condutor de toda a história.

Até aqui apenas repetimos a pesquisa de Robert Alter, ainda que com algumas diferenciações. Vimos que há um enredo tradicional que provavelmente vinha à memória das pessoas todas as vezes em que pensavam nos casamentos dos grandes personagens bíblicos. Padrões assim são facilmente reconhecíveis, pensemos por um momento em nossos filmes de heróis que geralmente apresentam o protagonista como um homem ou mulher comum, que passa por alguma transformação durante a vida que lhe concede superpoderes; o herói deve aprender a usar seus dons, deve enfrentar crises pessoais por querer ser alguém normal, e inevitavelmente será desafiado por algum vilão que também possui habilidades sobre-humanas. No final desse enredo, herói e vilão se enfrentarão, o herói apanhará até ser quase derrotado, porém sairá vitorioso e a paz voltará a reinar. Ora, esse padrão está presente em nossas “histórias de heróis”, e nós, leitores ou telespectadores, ainda que inconscientemente, o reconhecemos e contamos exatamente com essa sequência narrativa, sem que as repetições nos cansem. Pelo contrário, quando os elementos não são seguidos em sua maioria, a história torna-se desinteressante e até nos decepciona.

Na “cena-padrão de compromisso matrimonial”, o leitor deve esperar por um viajante e uma mulher no poço, ou algo que corresponda a essa construção. O auxílio prestado os aproxima, o diálogo os torna conhecidos, e a família da noiva abre as portas para aquele viajante até fazê-lo parte da mesma família. Imaginemos a substituição da mulher por um segundo homem e a surpresa curiosa que tal modificação provocaria no leitor; imaginemos a decepção caso, depois de tudo correr como o esperado, o noivo se recusasse a entrar na casa da mulher e partisse sozinho. O bom narrador ou contador de história sabe manipular os elementos da cena-padrão que adota, de forma a produzir surpresa, curiosidade, satisfação, e não decepção em seu leitor. De sua parte, o bom leitor da cena-padrão sabe acompanhar o desenrolar do enredo e nota quando um ou outro elemento foi modificado propositalmente, encontrando nessa novidade pontos de interesse especial, particularidades que tornam a narrativa que manuseia inédita.

Nossa hipótese é que, em João 4, texto que narra o encontro de Jesus com uma mulher samaritana, o autor fez uso da mesma “cena-padrão de compromisso matrimonial” que estudamos em exemplos do Antigo Testamento. A seguir, vamos tratar das

particularidades dessa narrativa e fazer conjecturas sobre os efeitos da leitura do texto num leitor bem treinado naquele padrão literário.

3 O casamento de Jesus com os samaritanos

Ao dizermos que a narrativa de João 4 se configura como uma história de casamento, o leitor se pergunta: estás dizendo que Jesus se casou com a mulher samaritana? Na verdade ele não se casa, mas, ao longo da leitura da narrativa, a impressão que se tinha era exatamente essa, e só no final o leitor notava que o casamento não era entre Jesus e a mulher, mas entre Jesus e o povo de Samaria. Quer dizer que o que temos é história do casamento dos samaritanos com a fé cristã. Voltemo-nos agora para o texto a fim de identificar em João 4 os sete elementos que apresentamos como constituintes da “cena-padrão de compromisso matrimonial”.

Nos primeiros versículos de João 4, o narrador nos introduz em sua história fazendo Jesus viajar de Jerusalém de volta para a Galileia (v. 1-3). Ele chega a afirmar, no v. 4, que era necessário que Jesus passasse por Samaria, coisa que não se confirma na comparação com os evangelhos sinóticos (Mt 10.5 e Lc 9.52). Também dizem os comentaristas que um caminho mais habitual era seguir pelo vale do Jordão, sem subir até Samaria.⁹ Mas o v. 5 diz: *“Vem então para a cidade de Samaria chamada Sicar, perto do campo que deu Jacó a José o filho dele”*. Jesus passa por aquele território tão evitado e ali é reconhecido como um homem de fora (v. 9). Isso atende à primeira exigência da cena-padrão, que é a de um homem viajando por uma terra estranha.

No v. 6 entra em cena o poço, segundo elemento necessário para formar o cenário ideal para o encontro entre futuros marido e mulher: *“Ora estava ali (o) poço de Jacó. Então Jesus, cansado da viagem, sentava-se assim sobre o poço...”*. Jesus decide descansar exatamente junto ao poço, e o leitor habituado às histórias de casamento do Antigo Testamento provavelmente já esperava, nesse momento, a entrada em cena da mulher. O texto não o decepciona, no v. 7 a mulher samaritana aparece com a pretensão de tirar água, e dá-se início ao diálogo: *“Vem uma mulher de Samaria tirar água. Disse para ela Jesus: “Dá para eu beber”*.

⁹ Cf. LÉON-DUFOUR, 1996, p. 260.

Curiosamente, o autor parece lembrar-se de que os discípulos estariam junto com Jesus naquele momento, e isso certamente interferiria no enredo da história. O versículo 8 é claramente um adendo redacional que tem a finalidade de tirar os discípulos de cena e garantir a privacidade de Jesus e da mulher. Fazer os discípulos saírem para comprar comida na cidade deixando Jesus sozinho junto ao poço é uma “desculpa” que se fez necessária para que se mantivesse o suspense em torno do anunciado casamento.

Curioso também é o que lemos no v. 9, quando a mulher responde ao pedido de Jesus por água: “*Como tu sendo judeu pedes junto a mim beber, mulher samaritana sendo?*”. Traduzimos por “junto a mim” a preposição grega *pará* (junto de, ao lado de) que se une ao pronome pessoal de primeira pessoa singular *egó* (eu), que por estar no caso genitivo assume a função de pronome possessivo (*emou* = de mim, meu). Dessa forma se transmite ao leitor a ideia de que a mulher samaritana entendeu o pedido de Jesus como mais que um mero favor; talvez ela o tenha entendido como um pedido de companhia, de amizade, ou até mesmo como um flerte. Isso não se pode notar nas versões mais populares em português. Se estivermos corretos, imagine como cristão treinado no gênero literário dos casamentos bíblicos e que nunca leu esta narrativa se sentia nesse ponto; ele já estava plenamente consciente de que o autor evocara um padrão literário que conduziria Jesus e aquela mulher ao altar, e talvez isso lhe causasse arrepios por sempre ter crido que Jesus fora um homem solteiro.

O quarto elemento constitutivo da cena-padrão é o favor que algum dos personagens presta ao outro. Em João, Jesus pede água (pede para beber com ela), mas a mulher não lhe dá por ser ele um homem judeu (e os judeus não se davam com os samaritanos conforme o v. 9b). Então, o próprio Jesus oferece à mulher a “água viva” (v. 10-15). Essa água obviamente tira-nos do plano físico para um simbólico ou espiritual; é o aproveitamento de um elemento da cena-padrão para a pregação do evangelista, motivo pelo qual esse ponto é o mais desenvolvido de todos. Isso não implica necessariamente numa quebra do padrão do enredo, mas no aproveitamento dele.

Vimos que o objetivo do diálogo dos personagens é torná-los conhecidos um do outro, o que seria o quinto elemento constitutivo da cena-padrão. O evangelista também obedece a esse padrão, mas como os personagens não são parentes distantes, o reconhecimento se dá em termos bem próprios. Primeiro Jesus demonstra ter um

conhecimento profundo da vida da mulher nos v. 16-18: *“(16) Diz a ela: ‘Vai chama o marido teu e vem aqui’. Respondeu a mulher e disse a ele: ‘Não tenho marido’. Diz a ela Jesus: ‘Bem disseste que ‘marido não tenho’; pois cinco maridos tiveste e agora o que tens não é teu marido; isto verdadeiro dizes”*. A mulher, que já havia sido casada, está solteira naquele momento, vive com um homem, mas ele não é seu marido. Não seria razoável supor que Jesus estaria dizendo que não havia impedimento para a união deles? Depois a mulher também declara ter “conhecido” Jesus, ao reconhecê-lo como um profeta no v. 19, e ao perguntar depois se ele não seria o Cristo no v. 29. Outra vez, o enredo está sendo seguido criteriosamente, mas com toques teológicos joaninos evidentes.

Os dois últimos elementos também estão presentes e são facilmente constatáveis. O sexto deles é o retorno da mulher à sua casa para relatar seu encontro à família. Isso lemos com todas as letras nos v. 28-30: *“Deixou então a mulher a jarra dela e foi para a cidade e disse aos homens: ‘Vinde, vede um homem que disse a mim tudo quanto fiz, porventura não é este o Cristo?’. Saíram da cidade e vinham a ele”*. Até aqui, o leitor ainda tem motivos para sentir-se conduzido por uma história de casamento, mas o desfecho da narrativa o surpreenderá. O último elemento, que é a recepção do viajante e futuro esposo na família e o início dos preparativos para o casamento, é trabalhado de forma que não apenas a mulher, mas muitos samaritanos recebem Jesus como o “salvador do mundo”. Lemos isso nos v. 40-42, que dizem: *“Quando pois vieram a ele os samaritanos, pediam a ele para ficar com eles; e ficou ali dois dias. E muito mais creram por meio da palavra dele, e à mulher diziam que ‘não mais por meio da fala dela cremos, pois nós mesmos ouvimos e vimos que ele é verdadeiramente o salvador do mundo’.”*

Chega-se à conclusão de que o autor valeu-se de todos os elementos tradicionais da convenção vetero-testamentária na construção de sua narrativa inédita. Se seus objetivos foram atingidos, isto é, se o texto encontrou leitores capazes de detectar, nessa narrativa, a convenção literária da história de casamento, sua estratégia chamou a atenção, prendeu o leitor e marcou-o quando o fez entender que na verdade se tratava da história da adesão dos samaritanos à fé cristã. O estudo da estratégia empregada na composição do texto não só nos auxilia na compreensão de sua mensagem, mas, a partir de tal perspectiva, mostra que ele é muito mais interessante e criativo, obra literária de maior valor para leitores em geral.

4 Esclarecimentos exegeticos

É provável que o leitor tenha notado que na seção anterior, em que apresentamos os elementos constitutivos da “cena-padrão de compromisso matrimonial” em João, citamos apenas algumas porções do longo capítulo 4 do evangelho. Exegeticamente falando, se tivéssemos escolhido arbitrariamente algumas frases e ignorado outras, nossos resultados seriam duvidosos. No entanto, essa impressão de arbitrariedade da análise não é verdadeira. Procuramos acima apenas destacar os pontos que constituem a tal cena-padrão, e não mencionamos outras partes do mesmo capítulo que evidentemente se desviam daquele roteiro previsto por outros motivos.

Antes de nossa análise, Senén Vidal já havia publicado um excelente trabalho em que apresenta sua teoria literária sobre o evangelho de João defendendo que, em tal evangelho, são identificáveis diferentes estágios de composição. Ele chama os textos mais antigos, que teriam existido antes de 80 d.C. e antes de uma compilação que pudesse ser chamada de evangelho de João, de *Tradições básicas*; depois distingue uma redação desse material acrescido de muitos outros em torno dos anos 80 a 90 d.C., e chama isso de *E1*, ou seja, o evangelho em sua primeira edição. Vidal ainda apresenta mais duas fases redacionais cuja distinção não é tão evidente (*E2* e *E3*), datando-as em torno de 110 d.C.¹⁰ Após a apresentação cuidadosa dessa teoria sobre a redação do evangelho, que é feita principalmente a partir da análise de conteúdo dos textos em comparação com a reconstrução das circunstâncias socio-históricas, Vidal passa a apresentar o texto de cada uma dessas camadas redacionais separadamente, uma análise cuidadosa e extensa.

Ainda que possa haver divergências pontuais em relação ao trabalho de Senén Vidal, ele é bastante relevante para nosso artigo porque é possível comparar a reconstrução que ele fez das *Tradições básicas* com nosso trabalho e notar que provavelmente a versão original da narrativa do encontro da mulher samaritana com Jesus era uma história de casamento bem mais enxuta. Isto é, a análise de Vidal, feita a partir de critérios totalmente distintos, revela que os pontos que constituem a “cena-padrão de compromisso matrimonial” formam a versão primeva do texto; ou invertendo o argumento, diríamos que

¹⁰ Cf. VIDAL, 1997, p. 13-50.

nossa análise baseada no estudo de padrões literários desenterrou o texto que para Vidal está entre os mais antigos fragmentos do evangelho de João.

Assim, as porções textuais ignoradas em nossa exposição, que acabam por descaracterizar a cena-padrão em certa medida, são acréscimos redacionais que, embora tenham atualizado o conteúdo do texto para novos leitores, também acabaram por prejudicar a leitura de seus aspectos mais antigos. Os responsáveis pelos acréscimos ou não notaram ou não souberam como aproveitar a cena-padrão que tornava a narrativa original tão surpreendente. É, portanto, compreensível que o leitor de hoje também não identifique a estratégia literária empregada, que habilmente confundia uma história de conversão com uma história de casamento. Se nosso trabalho atingir seus objetivos, leitores de hoje voltarão a ler o texto compreendendo a dinâmica que lhe foi dada originalmente. Trata-se de uma tentativa de salientar os pontos mais relevantes no desenvolvimento do enredo e, quando tais pontos estiverem destacados, os desvios intermediários não nos impedirão de desfrutar daquela história de “quase” casamento.

5 Conclusão

O leitor pôde notar que grande parte de nosso estudo se limitou a apresentar conclusões previamente alcançadas por outros estudiosos. Foi o citado Robert Alter quem fez, em *A arte da narrativa bíblica*, a análise da chamada “cena-padrão de compromisso matrimonial”. Nesse ponto, apenas expressamos suas descobertas com outras palavras, alterando levemente os elementos constitutivos do enredo-padrão em questão. Também no final do artigo foi apresentado o trabalho de Senén Vidal, que, em *Los escritos originales de la comunidad del discípulo “amigo” de Jesus*, executou um trabalho árduo de desenvolver uma consistente teoria literária que pudesse explicar a história da composição do evangelho de João. Esses dois estudiosos foram apresentados e defendidos aqui, mas gostaríamos de destacar uma vez mais aos olhos do leitor qual foi nossa real contribuição à pesquisa da literatura bíblica.

O artigo, então, se justifica por apenas uma contribuição nossa, que é a aplicação do gênero literário das narrativas de casamento do Antigo Testamento ao quarto capítulo do evangelho de João. O encontro de Jesus com a anônima mulher samaritana foi, segundo nossa hipótese, construído a partir dos mesmos critérios daquelas narrativas de casamento

do Antigo Testamento e, ao apresentar esta sugestão, também procuramos destacar ao leitor, de maneira hipotética, qual deveria ser a reação dos leitores implícitos da narrativa em sua versão original. A surpresa de que está diante de uma história de casamento, a suposição inevitável de que no final Jesus poderia casar-se com aquela mulher samaritana, a tensão crescente a cada elemento do enredo que se desenrola, e a agradável descoberta de que o casamento não era de Jesus e da mulher, mas dos samaritanos com a fé cristã, são os sentimentos que acreditamos terem sido pretendidos pelo autor. Oferecer ao leitor de hoje algo dessa experiência de leitura foi nosso alvo.

Inevitavelmente o leitor chega a algumas conclusões. Primeiro, de que a narrativa de João 4, como praticamente todos os textos bíblicos, não está preocupada em narrar fatos reais. Trata-se de uma “pregação”. Portanto, a maneira correta de se colocar diante do texto é como um alvo da evangelização cristã, e não como um historiador em busca de fatos. Segundo, o leitor pode supor que os redatores que posteriormente incluíram no interior da narrativa novas porções e descaracterizaram a cena-padrão fizeram um trabalho contraprodutivo, e que nosso trabalho auxilia os biblistas de hoje a encontrarem a mais versão mais antiga e melhor daquela narrativa. Porém, este não é o objetivo do nosso trabalho; os acréscimos tardios têm o mesmo valor que os textos mais antigos, e não devem perder seu lugar no cânon simplesmente por nossa alegação de “não originalidade”. Sugerimos apenas que o texto mais antigo seja resgatado como documento histórico que nos permite investigar um protocristianismo anterior ao ano 70 d.C., e que a sua dinâmica narrativa possa ser alcançada pelo leitor de hoje sem que isso implique em fazer recortes na Bíblia.

Enfim, aprendemos mais sobre a composição dos textos bíblicos, sobre o cristianismo primitivo, e por que não dizer, sobre a coletividade como instrumento escolhido para a divulgação da Palavra de Deus.

Referências

ABBOTT, H. Porter. **The Cambridge Introduction to Narrative**. New York: Cambridge University Press, 2008.

ALTER, Robert. **A Arte da Narrativa Bíblica**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

ECO, Umberto. **Interpretação e Superinterpretação**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

LÉON-DUFOUR, Xavier. **Leitura do Evangelho Segundo João I: capítulos 1-4**. São Paulo: Loyola, 1996.

LIMA, Anderson de O. História Cultural e Exegese Bíblica: Reflexões sobre as Contribuições da História Cultural para a Metodologia Exegética. **Ciberteologia**, São Paulo, v. 6, n. 31, p. 90-103, set./out. 2010. Disponível em: <<http://ciberteologia.paulinas.org.br/ciberteologia/wp-content/uploads/downloads/2010/09/Historiaculturalaeexegese.pdf>>. Acesso em 06/07/2010.

MARGUERAT, Daniel; BOURQUIN, Yvan. **Para Ler as Narrativas Bíblicas: Iniciação à Análise Narrativa**. São Paulo: Loyola, 2009.

MILTON, Alexander Leslie. **História da recepção da Bíblia: novos enfoques na pesquisa britânica**. **Oracula**, São Bernardo do Campo, v. 1, n. 2, p. 85-99, 2005. <www.oracula.com.br>. Acesso em 20/07/2010.

VIDAL, Senén. **Los Escritos Originales de la Comunidad del Discípulo “Amigo” de Jesus: el evangelio y las cartas de Juan**. Salamanca: Sigueme, 1997.